

BARRAGISTAS NA REDE: CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS REDES SOCIAIS

por

Lurdes Pequito¹

Resumo: Nos anos 50, num contexto de defesa da industrialização como fator de desenvolvimento e de progresso, construíram-se três barragens para o aproveitamento hidroelétrico do rio Douro. Afluíram milhares de trabalhadores, vindos de outras barragens e de minas. Picote foi a primeira, inaugurada em 1958, a que se seguiram Miranda e Bemposta.

Procede-se a um estudo comparativo de duas páginas de internet relacionadas com o grupo barragista (Facebook – Barragistas do Douro e página institucional da EDP-REN) de forma a identificar processos de memória e esquecimento na construção da identidade barragista. Estes processos são analisados com base nas representações e narrativas sobre a casa e a energia.

A comparação das duas páginas procura conexões entre o discurso próprio das redes e a produção de outros objetos de memória.

Palavras chave: memória, barragens, redes sociais.

Abstract: In the 1950s, in a context of defense of industrialization as a factor of development and progress, three dams were built for the hydroelectric exploitation of the Douro River. Thousands of workers came from other dams and mines. Picote was the first, inaugurated in 1958, followed by Miranda and Bemposta. A comparative study of two internet pages related to the group of workers (Facebook – Barragistas do Douro and institutional page of EDP-REN) is carried out in order to identify processes of memory and forgetfulness in the construction of barragista identity. These processes are analyzed based on the representations and narratives about home and energy.

These two pages are compared, looking for connections between the own discourse of the networks and the production of other objects of memory.

Key words: memory, dams, social networks.

ON LINE E OFF LINE. IMAGINAÇÃO POÉTICA E NARRATIVA

Uma família passeia por entre as fragas do Barrocal do Douro. O homem aponta alguns locais e o vídeo apresenta-nos a legenda: o meu castelo, o meu berçário. A minha casa, a parede do lume.

Para o observador, não há diferença entre elas, a não ser que conheça a narrativa *barragista*.

¹ Doutora em Antropologia, CRIA-IUL, e-mail: lurdespequito@gmail.com

Aqui e além a paisagem deixa entrever os postes de alta tensão e ao fundo percebe-se a existência da central de distribuição. Mas a intenção do autor do vídeo está concentrada em cada rocha e na sua descrição. A câmara filma panorâmicas da paisagem do planalto mirandês e aproxima-se de cada fraga que quer descrever e lembrar. A música que acompanha a filmagem evoca melancolia e memórias passadas.

Compreendemos que ele descreve a sua casa e a mostra provavelmente à família (uma mulher que o acompanha e dois jovens).

A primeira imagem é a de uma casa de amigos que em tempos ardeu. A segunda é uma vista da Capela do Barrocal, onde relata a existência de um Cristo da autoria do escultor Barata Feyo. A terceira, uma fraga a que chama *o meu castelo de criança*. Vai escalar novamente esse rochedo perante o olhar da criança que acompanha o passeio. Deduzimos que será um passeio de verão, provavelmente num período de férias, de roupa leve e calçado confortável. A caminhada continua evocando lugares: a casa de um amigo (onde estão os restos do carro que levou uma outra amiga ao hospital de Miranda do Douro, numa noite de tempestade). A criança segue-o e a legenda identifica outra casa, outro nome. A mulher sorri para a câmara, enquanto o homem percorre as fragas, saltando, correndo. Detém-se numa delas para explicar que aquela era a parede principal da casa, onde se fazia o lume – *o canto do fogo*. Aponta uma e outra vez um detalhe da rocha, por vezes sem legenda. Ele empoleira-se no alto da fraga de onde se vê a imensa paisagem, sozinho. Procura o berçário. A criança segue-o, perante o olhar mais distante da mulher.

É um buraco para onde salta, que lhe dá pelo joelho. Compreendemos pela legenda que foi o seu primeiro berço: ele não podia sair, tinha sombra e era atetado com musgo. A criança acompanha a sua explicação.

Dos 18 minutos do vídeo, dez consistem neste mapeamento das fragas. Os oito seguintes filmam as barragens (de Picote e Miranda) e aspetos da cidade de Miranda.

O reconhecimento das fragas do Barrocal do Douro e dos seus usos não é exclusivo deste vídeo. Todo o *barragista* que volta à povoação faz o mesmo, com outras fragas, visitando a capela, contando aos turistas e aos investigadores (biólogos, arquitetos, antropólogos) como era o bairro quando tudo começou.

Este vídeo pode ser visto nas páginas de Facebook “[Barragistas do Douro](#)” e “[Barrocal do Douro](#)”.

A primeira é um grupo fechado com 490, a segunda com 541 membros, em parte coincidente com a primeira. Apresentam as mesmas características: fotografias, notas de falecimento de familiares e conhecidos, recordações, histórias, encontros, eventos.

Concentrarei esta análise nas representações da casa e da habitação por serem elementos essenciais na construção identitária *barragista*. A casa resume a sua rota, a sua história. Pode ser abrigo, palheiro, pombal, bairro definitivo, dependendo do lugar do trabalhador na hierarquia laboral e na divisão social.

A casa tem valências diferentes: será melhor um abrigo nas fragas com a família do que uma cama na caserna, sozinho e longe dela.

Durante os seis anos de trabalho de campo seguindo os barragistas do Douro internacional, verifiquei o cuidado que todos colocavam nos aspetos essenciais à sua sobrevivência no trânsito de uma obra para outra: o trabalho, o alojamento, a alimentação. Grande parte destes trabalhadores estavam reformados e viviam no Porto ou em Lisboa, depois de terem trabalhado na construção de barragens no rio Douro.

As histórias que contavam então, através de livros de memória, encontros e evocações permanecem agora nas redes sociais.

Annette Markham (2005) procedeu ao historial das relações mediadas por computador, concluindo que o primeiro passo para a existência *on line* é a produção de discurso (palavras, imagens gráficas, sons). Este novo discurso implica uma reflexão crítica sobre os papéis do investigador ao nível dos seus papéis, métodos, instâncias éticas e interpretações.

A investigação destas relações exige atenção às decisões de natureza epistemológica e ontológica do investigador a dois níveis: o do terreno e o do discurso. Ao mesmo tempo que o investigador constrói os espaços sob investigação, também as fronteiras se alteram, passando a ser mais definidas pela interação do que pela localização. Ele tem de tomar decisões ao nível da identificação do terreno e também na passagem da fronteira geográfica à discursiva enquanto produtor de um discurso. O sistema de produção e consumo de comunicação pode ser global, não sequencial, fragmentado, descentrado. Assim, este tipo de pesquisa deverá ter em atenção as questões da sua própria especificidade: o terreno, a relação com o outro, as limitações da abordagem do outro como texto.

A possibilidade de aplicar os mesmos métodos ao mundo real e ao mundo virtual é referida por George Marcus (2012) no prefácio a *Ethnography and virtual worlds: a handbook of methods*, onde chama a atenção para a necessidade de ligar este género mais recente de pesquisa aos métodos tradicionais da etnografia.

Os mundos virtuais são lugares de imaginação e nesse sentido são reais. A etnografia, enquanto estudo da vida de todos os dias providencia recursos para o estudo dos mundos virtuais. Argumenta-se que o etnógrafo deve comprometer-se em dar sentido ao novo, compreendendo os seus processos de pesquisa.

Procurar-se-á neste estudo identificar alguns significados do conceito de imaginação no sentido de apurar diferenças e semelhanças nos discursos *on* e *off line*,

privilegiando a análise bachelardiana deste conceito a partir da sua materialidade (Araújo, 2000). Dar-se-á assim primazia a uma leitura da fenomenologia de matriz husserliana redirecionada por Bachelard sob a noção de *fenomenologia dinâmica do imaginário*. (Araújo, 2000: 11)

As duas questões estruturantes são assim: 1) Como representam os *barragistas* o seu passado dentro e fora das redes sociais, apurando diferenças ou semelhanças. 2) Identificar processos dinâmicos da imaginação poética a partir dos relatos.

Tom Boellstorff (2012) considerou que os métodos usados no mundo real servem igualmente para o mundo virtual: tal como naquele, este é lugar de imaginação (atuação, performance, criatividade, ritual).

Os grupos “Barragistas do Douro” e “Barrocal do Douro” não apresentam dificuldades metodológicas ao nível da distinção entre a pessoa e a sua personagem ou conta pessoal. São grupos que reproduzem os processos analisados em entrevistas. Os administradores frequentemente chamam a atenção para a relevância dos *posts* para esse grupo, eliminando os que não estão diretamente ligados à construção da memória *barragista*. Os membros do grupo colocam fotografias, eventos, notícias e contam a sua história. Tal como faziam nas entrevistas gravadas, as histórias podem começar identificando uma pessoa que se conheceu ou um lugar que se tornou importante. Estas histórias são depois comentadas, em regra confirmando a história narrada, por vezes acrescentando pormenores dos hábitos, dos lugares.

As páginas são também usadas para saber o que aconteceu com as suas famílias, em consonância com o que me perguntavam durante o trabalho de terreno.

Os trabalhadores de Picote podiam começar como indiferenciados e progrediam depois dentro das corporações especializando-se. Quando não conseguiam esta qualificação mantinham-se em trabalho precário durante toda a sua vida ativa.

O grupo *barragista* mantém ainda hoje uma forte ligação à EDP/REN, que resulta do historial desta empresa e do seu papel na eletrificação do país. Se observarmos, muitos dos membros deste grupo são filhos de antigos funcionários desta empresa que, entretanto, puderam qualificar-se.

Eis um vídeo que permite identificar a história deste *barragista*. O seu pai não fazia parte do grupo de técnicos e engenheiros que rumaram a Picote pelos anos de 1952, mas da multidão que para ali se deslocou em busca de trabalho e que encontrava abrigo nas fragas para poder trazer a família. A primeira vez que tive acesso a fotografias desses abrigos, foi no período de realização de entrevistas em que me foi cedido um relatório de 1957, chamando a atenção para as condições precárias destas famílias. Nele se pedia que a então *Hidroelétrica do Douro* resolvesse o problema, apresentando dados sobre os salários destes trabalhadores e o facto de procurarem a qualquer custo levar as famílias para o local onde trabalhavam.



Imagem 1: Abrigo de família constante do relatório de 1957, cedido pelo engenheiro Pereira dos Santos.

A imagem apresenta um desses abrigos: o telhado é feito de sacas de cimento vazias que os trabalhadores traziam da obra. A telha era cara. Outros abrigos fotografados no mesmo relatório apresentam características idênticas: amparados numa fraga ou no encontro de duas fragas, um canto para trazer a família. Por que razão preferia o trabalhador este abrigo à caserna? Os relatos descrevem a dificuldade de conjugar os magros salários, o tempo de viagem desde o local de origem até ao estaleiro. A solidão, as precárias condições, a vida separada da família, deram origem à construção destes abrigos. Um canto onde todos pudessem estar juntos.

Por esta altura (1957) afirmava Bachelard em *La poétique de l'espace*:

“(...) todo o espaço verdadeiramente habitado transporta a essência da noção de casa. Veremos, no decurso desta obra, como a imaginação trabalha neste sentido quando o ser encontra o menor abrigo: veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção, ou inversamente tremer atrás de um muro, duvidar das mais sólidas muralhas. Em resumo, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Ele vive a casa na sua realidade e virtualidade através do pensamento e dos sonhos.” (Bachelard, 1961: 33)

Na página dos *barragistas* encontramos a seguinte história:

“O meu pai ganhava 750 escudos por mês, ou seja, cerca de 3.75 euros atuais, mais alimentação só para ele, alimentação de primeira, fornecida pelo refeitório que era explorado pela F.N.A.T. [Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho].

Esta cláusula do contrato de trabalho entre a FNAT e o meu pai, “alimentação” foi a salvação da nossa família.”

A história prossegue. É uma homenagem ao senhor Heitor, que muito fez por este barragista/ utilizador da página que se analisa.

Compreendemos que essa refeição fornecida ao trabalhador era o sustento de toda a família. Ele conta-nos que todos os dias, ao almoço e ao jantar dois irmãos levavam uma alcofa de juncos com duas panelas de alumínio dentro, para ir buscar a refeição do pai. No refeitório, trocavam a refeição de “primeira” pela de “segunda”, porque a primeira era mais difícil de dividir (bife, peixe cozido, etc.) e a segunda era constituída por guisados, que permitiam “encher a panela”.

O pai tinha ido para Picote sozinho e a família juntou-se a ele posteriormente. O utilizador narra a viagem Venda Nova, Braga, Douro do ponto de vista da criança que então era:

“Continuámos, até apanharmos a linha do Douro, que coisa mais fascinante, tudo diferente do que eu conhecia, o comboio a atravessar túneis imensos e paisagens completamente desconhecidas. As vinhas, os socalcos do Douro, mesmo ali, ao alcance da minha mão se a estendesse até à janela... um sem fim de emoções! Os pregões dos vendedores de água, era agosto, “água e bilha, quinze tostões” ou dos vendedores de regueifa “quem quer regueiifa” de broa de Avintes, de rebuçados da Régua, um mundo novo!”

A descrição desta viagem repete-se nos livros de memórias que, entretanto, os *barragistas* publicaram, evidenciando a beleza do lugar, mas também a dificuldade no acesso a Picote e a estranheza perante o contraste entre a escuridão da serra e a luz que emanava do estaleiro. O estaleiro será, para os *barragistas*, território de identidade, onde se cruzam linguagens e costumes, mas também onde se criam solidariedades decorrentes das condições de trabalho.

Segue-se a história da casa. O pai arrendou uma casa no Barrocal (local do estaleiro onde foi construído pela *Hidroelétrica do Douro* um bairro hoje conhecido como “Moderno Escondido”) em agosto, mas no primeiro inverno verificou-se que dentro da casa havia uma nascente de água que escorria pelo chão térreo de uma das divisões. Comprou então a um colega que ia para a barragem de Miranda uma casa para a família.

“Quando da inauguração da barragem de Picote, que foi feita por “sua excelência” o presidente da República senhor almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, os responsáveis locais, temerosos de eventuais críticas dos políticos do sistema, resolveram que as casas “abarracadas” que existiam no percurso do senhor almirante fossem demolidas”.

Após uma tentativa de troca rejeitada pelo pai a demolição foi marcada. À porta da casa estava a família:

“Um enorme bulldozer, Caterpillar, roncava ali perto, a demolir casas vizinhas. Um medo indescritível, semelhante aos medos da guerra, com que ainda sonho, por vezes, apoderou-se de mim. Aproximaram-se o senhor engenheiro B e o senhor Heitor, da HED e estiveram à conversa com o meu pai. Acabaram por desistir da demolição e a nossa casa foi uma das poucas que orgulhosamente se ergueram à passagem de tão ilustre personagem no dia da inauguração.”

A casa apresenta-se neste relato orgulhosa, resistente aos protocolos, a um tempo abrigo e muro. Indissociável da forma como é narrada, a imaginação de quem escreve mistura sensações que não respeitam a cronologia, mas o *pathos*: ser afetado pelo ruído do *caterpillar*, como uma bomba na guerra, ser protegido pelo pai.

As histórias sobre casas e alojamentos multiplicam-se e na página “Barragistas do Douro”: cada um tem uma memória daquelas fragas, perante elas reconstrói a infância, o trabalho e o lazer. Em alguns comentários observamos a ligação emocional entre Picote, o Barrocal e os utilizadores.

O Barrocal do Douro resultou da necessidade de alojar os trabalhadores do estaleiro de Picote.

Em primeiro lugar construíram-se as casernas, cada uma para 200 homens, depois as casas de madeira com basamento de granito, e depois o bairro definitivo, que ficou conhecido por “Moderno Escondido” (Cannatá, 1997). Três arquitetos, João Archer de Carvalho, Manuel Nunes de Almeida e Rogério Ramos, foram contratados para planear aquele espaço, onde construíram a “Cidade Ideal”. Ligados à ODAM, (Organização Dos Arquitetos Modernos), sensibilizados para a urbanística da produção em série, viram ali uma oportunidade de concretização dos seus sonhos juvenis.

O bairro do Barrocal reproduzia as diferenças sociais resultantes da organização do trabalho. Havia as casas do pessoal dirigente, do pessoal especializado, e à volta do bairro uma imensidão de alojamentos precários como o que o nosso utilizador referiu.

O bairro moderno apresenta ainda hoje a estrutura original, mas com novos usos, decorrentes das necessidades de manutenção da barragem de Picote. Os

barragistas rumaram para outras barragens depois de Picote, mas alguns puderam ficar no bairro onde ainda vivem. É fácil encontrá-los e falar sobre o Barrocal. Havia escolas, centro comercial, piscina, capela, uma pousada.

As casas do então destinadas ao pessoal dirigente encontram-se abandonadas. A EDP tinha procedido ao loteamento das casas definitivas do bairro, mas não havendo acordo sobre as casas do pessoal dirigente, foram sendo vandalizadas, restando hoje apenas aquilo que não podia ser retirado – o chão, as paredes, a elegância e a volumetria das habitações dialogando com as fragas.

É fácil abordar essas casas desventradas, entrar nelas, imaginar a ocupação da sala com uma grande lareira ao canto, feita do mesmo material das fragas que se veem das varandas amplas, das janelas generosas. Imaginar os dirigentes que as ocuparam, porque as abandonaram, enquanto ouvimos as explicações de quem ficou no bairro.

Foi aqui que o nosso utilizador fez o filme que colocou na página dos *Barragistas do Douro*.

A escola é agora um café, e nas salas de aula existe uma mesa de snooker. A capela é cuidada pela Guida, que recebe os visitantes e mostra as obras de arte que ali se encontram.

NARRATIVAS SOBRE A ENERGIA. FENÓMENO E COISA EM SI.

Os barragistas contam muitos episódios sobre a eletricidade e a sua importância.

Se ouvirmos o padre Telmo, ele lembrará a sua primeira impressão, quando criança, das aldeias espanholas iluminadas, contrastantes com a escuridão das aldeias portuguesas como a sua, separadas pelo rio Douro. Tem consciência do seu papel na construção identitária deste grupo, quer pela sua ação em Picote, quer pela constante procura do seu livro. Nas redes sociais é vulgar elogiar-se a importância do livro, perguntar onde se pode comprar, referir episódios que aí são narrados.

Nas páginas do Facebook, ou nos telefonemas e encontros que se realizam, lembrar é um ato político que assinala as assimetrias dentro do estaleiro, as diferenças de classe e as formas de resistência à autoridade do estado.

Registo no diário de campo as hesitações do padre Telmo quando se lhe pergunta se a construção das barragens trouxe progresso. No seu silêncio estão as vítimas de silicose, os marteleiros a quem dedica o livro. As casas abrigo onde entrava a saber o que faltava, quem morria. As crianças desamparadas, sujas e famintas. A sua revolta sob a forma de prece: que cristo és tu?

“As aldeias mirandesas eram fartas... eram fartas.” Toda a gente tinha o que comer, onde dormir. As barragens trouxeram fome, alcoolismo, prostituição.

Esta sua hesitação é tão objetiva quanto a fraga que se pode ainda ver da janela onde preparava o seu sermão: densa, opaca, bela.

Os silêncios das narrativas *barragistas* convivem com o entusiasmo de reencontrar o passado no bairro do Barrocal.

O recurso a silêncios e hesitações na construção de discurso sobre o lugar, em particular o que se refere à casa (habitação, abrigo, caserna, pombal, palheiro), leva-me a refletir sobre algumas assunções teóricas de Ivan Brady (2005) a propósito da ligação entre a ciência e a poética na vivência do trabalho de campo.

Inferência, especulação e metáfora, comuns à ciência e à poética, desempenham importantes papéis no trabalho de campo. Para Brady, a poética é uma coleção de escolhas feitas a níveis diferentes (estilo, composição, temática) por um autor ou grupo, que conduzem a operações que enformam o mundo concreto (Brady, 2005:981). Neste estudo ele tenta esboçar uma poética do lugar enraizado na nossa propensão para dar sentido a experiências imaginativas e materiais através de projeções do terreno, e usando os nossos corpos culturalmente apropriados como instrumento primeiro para o fazer. O contexto é a chave:

“Conhecer o contexto das palavras, comportamentos e artefactos é praticamente tudo para determinar o significado. Isto é o sine qua non de uma poética do lugar, de estar no terreno e começa com a última morada: o eu encarnado.” (BRADY, 2005:982)

O espaço pessoal é um centro colecionador: fazer com que os processos que projetam um eu cultural e físico nos locais e momentos em estudo tenham sentido através de uma imaginação educada, é condição essencial ao terreno, pois é também condição essencial ao pensamento.

Brady conclui o seu estudo afirmando que o lugar não pode ser visto sem os conteúdos e significados que lhe estão associados, não podendo desta forma o lugar ser descrito como coisa em si, em alusão a Immanuel Kant e à sua distinção entre *fenómeno* e *coisa em si*. Usando a metade da frase referida por Brady (não há dúvida que todo o conhecimento começa com a experiência segundo Kant) (Brady, 2005:984) gostaríamos de acrescentar a outra metade pela sua relevância para esta discussão (mas nem todo deriva dela).

O sistema de Kant reserva um papel essencial às formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) sem as quais a experiência não pode ser compreendida (cf. *Crítica da Razão Pura*², Cap. II, *Dedução dos conceitos puros do entendimento*).

² Consultar: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/critica.html#40>. Acedido a 01 mar 2017.

Enquanto fenómeno o objeto pode ser conhecido, mas não enquanto coisa em si, já que toda a experiência pressupõe o espaço e o tempo, que são estruturas do sujeito.

Esta questão acompanhará toda a sua obra. Em *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, ele define a antropologia como doutrina do conhecimento humano sistematicamente composta, que pode ser considerada de um ponto de vista *fisiológico* ou *pragmático*.

O ponto de vista pragmático é o que corresponde ao estudo que o homem faz de si mesmo. Este tipo de estudo apresenta três dificuldades principais resultantes de se estudar a si próprio.

Em primeiro lugar, o ser humano que percebe estar a ser observado não se mostra tal como é, pois, fica embaraçado (Kant, 2014: 5); em segundo lugar, a situação crítica de se observar a si mesmo enquanto afetado também; em terceiro lugar, as constâncias do tempo e do lugar – hábitos que dificultam o juízo do homem sobre si mesmo.

As dificuldades da antropologia são decorrentes das dificuldades do eu. O homem pode tornar-se consciente das suas próprias representações pela atenção, ou pela abstração (Kant, 2014:15), sendo esta a mais importante visto que realiza a liberdade de pensar do sujeito.

“Muitas pessoas são infelizes porque não podem abstrair. O solteiro poderia ter um bom casamento se pudesse deixar de lado uma verruga no rosto ou uma falha nos dentes da amada. Mas é um vício muito particular da nossa faculdade, de fixar a atenção, mesmo de modo involuntário, justamente no que há de defeituoso nos outros; dirigir os olhos para a visível falta de um botão no casaco, para falhas nos dentes ou para um habitual erro de linguagem, o que desconcerta o outro, mas também estraga o próprio prazer que se poderia ter no convívio com ele. - Quando o principal está bem, não só é justo, mas também prudente não fazer caso do mal dos outros, incluindo o nosso próprio estado de felicidade; essa faculdade de abstrair é uma força do ânimo que só se adquire por meio do exercício.” (Kant; 2014: 16-17)

Atento às muitas formas da servidão humana e intérprete do espírito da Luzes, Kant compreendeu bem as implicações do eu egoísta na tarefa de autoconhecimento que cabe à Antropologia. Assim sendo, a sua reflexão sobre o entendimento humano procurará estabelecer os limites do conhecimento humano em dois tempos: o primeiro diz respeito a seu intento sistemático de conduzir a razão humana para a autonomia e para a liberdade, construindo assim um sistema crítico muitas vezes considerado dualista, entre o sujeito que conhece e o sujeito que age. O segundo liga-se ao sentido cosmopolita das luzes.

Este cosmopolitismo não pode ser visto apenas na sua dimensão euro e etnocentrada, própria de uma burguesia em ascensão social; ele representa uma aliança entre educação, cultura e formação próprias do ideário do movimento das Luzes. Aqui, cosmopolitismo não pode dissociar-se do combate à superstição, magia e encantamento, quer estes assumam a forma da religião ou os devaneios sonhadores do eu egoísta. Por este motivo as lições de antropologia são tão cuidadosas ao analisar os processos da imaginação poética, já que aqui, como em outros patamares da dinâmica da consciência, sempre se fará uso da crítica para abolir o preconceito ou a superstição.

Preconceito, superstição e magia têm em Kant valências próprias, que se podem incluir no que mais tarde Bachelard designou como senso comum enquanto obstáculo epistemológico. Eles representam toda a preguiça do espírito que não se entrega ao movimento e dinâmica entre si próprio e o que está fora dele. A “Crítica da Faculdade do Juízo” apura e desenvolve uma revisão dessa faculdade que confere maior liberdade aos objetos e à sua avaliação, sem colocar em causa o perfil geral do sujeito. Apesar de procurar conciliar natureza e liberdade, não faz qualquer concessão ao sentimento e aos afetos fora dos pressupostos críticos adquiridos.

“A este propósito deve dizer-se que uma das operações geniais de Kant foi a de ter aumentado os fatores de produção de inteligibilidade do sujeito transcendental, mediante a introdução de componentes afetivo/vivenciais, sem cair num subjetivismo a-conceptual e redutor.” (Marques, 1998: 11)

Desde Kant que esta questão se tornará central na reflexão sobre a consciência, com a sua evolução na dialética hegeliana para o processo de autoconsciência como resultado. Será Hegel o primeiro a sistematizar os processos de mediação entre o eu e o mundo em termos dialéticos: posição, contradição, superação. O processo dialético da consciência supõe assim uma entrada efetiva no mundo, traduzida num saber.

Fenómeno em Kant designa algo diferente de *Fenomenologia* (do espírito) em Hegel, dado que este último apenas assume como verdadeiro o todo. Assim, os processos da consciência são aprofundados na medida em que esta se dá ao mundo, ato que não depende da sua vontade, mas da própria natureza dialética do conhecimento. O espírito em Hegel designa a capacidade universal de saber e de agir subsumindo o mundo que está fora do sujeito, mas de que este precisa a fim de se tornar autoconsciência.

Alguma irritação une Kant e Hegel, quando se trata de falar das várias autotensões do indivíduo: em Hegel é a ironia romântica à qual dedica textos de grande ironia e subtileza.

O curso involuntário dos nossos pensamentos não apresenta qualquer interesse, quando encarado pelos estúpidos olhos de toupeira do egoísmo, diz-nos Kant, pois conduz à confusão mental que entende como descoberta um preconceito que já trazia em si.

A imaginação poética involuntária deve ser olhada dentro das limitações que lhe são próprias – o sentido interno vê as relações das suas determinações apenas no tempo, sem a observação, que é indispensável à experiência. Por esse motivo muitas destas representações são próprias da melancolia e da loucura ou conduzem a ela.

Como então interpretar um objeto, um silêncio ou hesitação no que diz respeito às narrativas *barragistas* sobre a casa, a morada, a habitação e o abrigo?

Como interpretar as suas associações à eletricidade enquanto fonte de calor, acolhimento e conforto, produção, obra?

Neste sentido, uma poética do lugar não dispensa a abordagem da fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard pela relevância da sua análise da imaginação material.

É importante referir que se trata de um conceito de poética próprio, aplicado à densidade dos objetos e ao dinamismo com que a imaginação lhes confere sentido. Bachelard analisa as imagens do fogo, do calor e da casa, no seu dinamismo próprio: uma ontologia direta da imagem poética.

No seu sentido originário, *poiesis* opõe-se a *praxis*: A *poiesis* designa para os gregos produção, enquanto a *praxis* diz respeito à ação. Constituem duas formas distintas de energia: a primeira concentrada na coisa feita, ou produto, a segunda na atividade daquele que faz. Para Platão a energia do homem consiste na atividade que só ele pode executar, como a direção, o governo ou a deliberação que só são possíveis com a ajuda da *dikê* (virtude), enquanto para Aristóteles é *energeia* da alma de acordo com o *logos* (razão, discurso).

No primeiro capítulo de *La Poétique de l'espace* (1957), Bachelard interessa-se pela casa como objeto, procurando superar a simples descrição e identificar a função primeira do habitar:

“Encontrar a concha inicial, em toda a moradia, mesmo no castelo, eis a primeira tarefa do fenomenólogo.” (Bachelard, 1961: 32)

O estaleiro de Picote representou uma rutura no planalto mirandês. Para além da deslocação de milhares de pessoas (trabalhadores, familiares, negociantes) levou eletricidade e aquecimento, em primeiro lugar às casernas, depois ao bairro provisório (casas de madeira), até à construção do bairro definitivo – o bairro do Barrocal.

Contou Lázaro (natural de Picote e trabalhador no estaleiro) em entrevista que havia as casernas onde se alojavam os trabalhadores especializados, em quartos. As 24 casernas tinham divisões em madeira, corredores abertos, em cada quarto seis camas com aquecedores nas paredes.

Lázaro achava que nas casernas a vida não era tão dura como no monte, a guardar ovelhas. Vinha gente, miúdos pequenos pedir para dormir ali, onde havia calor.

Vindos do Pocinho, habituados à luz da candeia bruxuleante das estações do comboio e à escuridão das aldeias, os migrantes eram surpreendidos por um halo de luz que emanava do estaleiro, o clarão da barragem. Milhares de luzes anunciavam o ponto de chegada onde iriam trabalhar, e se tudo corresse bem, também alojar a família.

São muito abundantes a descrições da chegada ao estaleiro e da surpresa ante a parafernália de ferros e máquinas. De dia e de noite se trabalhava no meio do ruído das máquinas, fazendo suas as histórias de como lá chegaram, de como encontraram modos de sobreviver usando os recursos fornecidos pela empresa HED, na altura com melhores condições de trabalho do que os restantes empreiteiros, que só davam propunham trabalho precário.

Os *barragistas* são defensores da eletricidade como fator de progresso. Para eles, construir uma barragem é tirar o país do atraso e da escuridão, para trazer conforto e desenvolvimento. Desta forma, a casa reproduz essa representação de progresso. Da candeia à lâmpada elétrica, do canto do fogo ao aquecedor, a técnica e a indústria configuram para estas narrativas a possibilidade de ascender socialmente e servir uma causa nacional.

Onde está então a sua concha, o seu abrigo?

“As casas sucessivas em que habitamos mais tarde tornaram banais os nossos gestos. Mas ficamos surpreendidos quando voltamos à velha casa, depois de décadas de odisseia, com os gestos mais hábeis, os gestos primeiros permanecendo vivos, sempre perfeitos. Em suma, a nossa casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diferentes funções do habitar. Somos o diagrama das funções de habitar esta e todas as outras casas que não são senão variações de um tema fundamental. Hábito é um termo demasiado usado para dizer esta ligação apaixonada do nosso corpo que não esquece a casa inolvidável.” (Bachelard, 1961: 42)

O uso das redes amplia este trabalho da imaginação e da memória no grupo estudado. Recordar significa recriar o espaço emocional.

Para Bachelard a abordagem das imagens não deve romper a solidariedade da memória e da imaginação. Diferente da abordagem psicanalítica, a fenomenológica

aceita o caráter material e dinâmico da imagem: a imagem explode, não depende de um impulso, e nessa explosão o passado ressoa em ecos sem se poder ver em que profundidade estes ecos se repercutirão até cessar. Assim, a imagem poética tem um dinamismo próprio, não pode desligar-se do sujeito que se compromete com aquilo que imagina. É neste sentido que refere uma ontologia direta.

“A matéria, enquanto simples forma, na sua presença ontológica, sempre refere um volume, uma massa, um líquido ou um fluxo aéreo, um calor ou a mera luz de um corpo inerte. As matérias, e principalmente todas as imagens oníricas daí decorrentes, admitem, contudo, uma possibilidade maior, a da sua interpretação temperamental. Interpelam o sujeito à resposta, à tomada de posição, perante o mundo das formas”. (Araújo, 2000: 277)

Desta forma, uma análise fenomenológica aplicada à antropologia da experiência assume a imaginação poética na sua materialidade, ao mesmo tempo que exige compromisso subjetivo.

A casa não se separa da energia. O canto do lume é o começo de uma história que terá continuidade nos aquecedores e gira-discos, nas lâmpadas que brilham na janela. Dependendo do lugar onde se está, o que emociona pode ser a luz que emana do estaleiro, a aldeia iluminada da vizinha Espanha, mas em todos eles é o progresso que é exaltado nas narrativas, quer se trate dos trabalhadores não especializados, quer se trate dos engenheiros que ali sonharam novos desenvolvimentos para o país, inspirados no plano de eletrificação nacional elaborado por Ferreira Dias.

A construção das barragens do Douro internacional fez parte desse plano. O ministro José Nascimento Ferreira Dias (1900-1966) é sempre referido pelo seu papel neste processo e pelo seu livro “Linha de Rumo” (Dias, [1945] 1990), onde justifica a política de construção de barragens. A lei foi aprovada e promulgada (Lei nº 2002, dezembro de 1944). A partir de então, a produção de hidroeletricidade conheceu efetivo progresso, tendo-se constituído em 1945 a Hidroelétrica do Cávado (HICA) e a Hidroelétrica do Zêzere (HEZ). Em 1947, constituiu-se a Companhia Nacional de Eletricidade e, em 1950, inaugurou-se a central da Pracana, no rio Ocreza. A partir de 1950 entraram em exploração: Castelo de Bode e Venda Nova em 1951, Belver em 1952, Salamonde em 1953, Cabril em 1954, Bouça e Caniçada em 1953 e Paradela em 1958.

A modernização ligada à industrialização do país, transformaria a horta a que Portugal parecia condenado, numa nação industrializada, escreveu Ferreira Dias, assim inspirando os jovens engenheiros que chegavam a Pícode.

Para os engenheiros que entrevistei (Pequito 2015), uma obra eram todas as

obras. Animados do sentido de missão, inspirados pela fé na indústria como forma de tirar o país do seu atraso estrutural (da ruralidade, na expressão de Ferreira Dias), os engenheiros viam num estaleiro o que viam em todos os outros: a competência técnica aliada à vontade coletiva. Da mesma forma, para um engenheiro, uma casa são todas as casas, visto que o sentido construído a partir do estaleiro está no desígnio nacional de progresso.

A eletricidade e a luz conferiam novas significações às rotinas diárias, as máquinas eram antropomorfizadas, à semelhança do observado por David E. Nye (1994) na sua análise do sublime tecnológico. Também aqui, o sentido do sublime passou a ser partilhado pela multidão anónima, criando sentido de pertença. Para todos os atores, o aço era o material do futuro.

Parece poder afirmar-se que no discurso *barragista* encontramos uma unidade entre as representações da casa e da energia, e que estas representações são comuns ao registo *on* e *off line*.

As mudanças de casa, da caserna para o abrigo e depois para o bairro são decorrentes da relação laboral e dependem dela. Se é possível a ascensão social, um trabalhador poderá começar a sua vida laboral aos 14 anos (às vezes mais cedo se esconder a idade) abrigado no meio das fragas, juntando-se ao pai. Poderá posteriormente casar, constituir família (os *barragistas* casaram com familiares de outros trabalhadores ou com mulheres das regiões onde trabalharam). Poderá ainda mudar de vida: durante o trabalho de campo J. mostrou-me os recibos da empresa, então HED, para os estudos e qualificação dos filhos. Vive atualmente no bairro do Barrocal, nas casas definitivas.

Nenhum engenheiro permaneceu no bairro. As suas representações da casa, morada, habitação, são narradas como um acessório de algo mais importante: a missão de progresso de que se consideravam atores. Não guardam excessivas memórias dessas casas, até porque a sua vida permanecia no estaleiro e na mediação entre os trabalhadores e as populações locais, frequentemente resolvendo conflitos de linguagem ou de costumes, e até em alguns casos, arbitrando relações entre casais desavindos.

A casa dos engenheiros era, por isso, na maior parte dos casos, da responsabilidade da mulher. Em raros casos, as mulheres eram também qualificadas e trabalhavam como enfermeiras, professoras, ou faziam parte dos quadros da empresa HED. Na sua maioria, seguiam os maridos e encarregavam-se dos filhos e dos cuidados da casa. Podiam também colaborar com o padre Telmo e a Obra de S. Vicente de Paula na distribuição de alimentos aos mais pobres.

Contava o padre Telmo que os engenheiros entravam em todas as casas, toda a gente lhes queria bem. *Pequenos deuses*, chamou-lhes mais do que uma vez,

reproduzindo neste contexto o que David Nye havia já identificado no sublime tecnológico: sublime que não se reserva aos salões e ao gosto, mas à vivência das grandes obras tecnológicas. O engenheiro representava o progresso, fazia a obra. A segurança dos trabalhadores dependia da sua competência técnica.

Quando lembram as várias obras, registam as diferenças de estatuto e a desigualdade social inerente. F. C., um engenheiro recém-formado, referiu-se mais do que uma vez à casa de um proprietário no Alentejo onde foi construir uma barragem, um dos seus primeiros trabalhos. Na entrevista conta como era feita a sopa que os trabalhadores comiam ao almoço, e o que significava vestir a mesma camisa toda a semana. Enquanto ele entrava na casa do proprietário, *de bota grossa*, vindo da obra, e a criada servia o almoço de luvas brancas, -- um despropósito, um atraso! – repetia-me.

As representações da casa estruturam-se nas relações de trabalho e projetam-se pela imaginação poética. É a imaginação poética que estrutura a memória coletiva, acrescentando episódios, descrevendo a paisagem, anotando detalhes da vida de todos os dias. Quando se pergunta o que significam aquelas fragas, muitos *barragistas* ficam em silêncio, por vezes comovidos. Ou dizem: – ... Fui lá há três anos... aquelas pedras parece que falavam!

A imaginação *barragista* tece os fios do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido. Nas páginas do Facebook ou fora delas, luta-se para que não se esqueça, em consonância com a constatação de Jacques LeGoff: a luta pela memória é uma luta política decisiva.

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO – TERRENOS DE DISPUTA.

A empresa EDP/REN surgiu da fusão ao longo do tempo de empresas produtoras de hidroeletricidade. Se consultarmos a sua página web, observamos uma casa, um trator, um pássaro, uma paisagem: um homem faz um churrasco, uma mulher rega as flores. Ao fundo observamos equipamentos de energia eólica.

A energia percorre o nosso quotidiano e cria o nosso bem-estar, discreta e silenciosa, sugere a imagem. Tal como nas narrativas *barragistas*, a eletricidade avança em silêncio e abafa as velas de sebo que Ferreira Dias havia conotado com o atraso do país.

Se percorrermos a página chamar-nos-á a atenção a legenda Sinais de Luz. Nela podemos visionar dois curtos vídeos, onde uma criança reproduz os mesmos gestos dos pais, comunicando mensagens através de uma lâmpada que brilha à janela.

A luz associa-se aqui à comunicação, partindo do interior da casa, mas a

representação da energia é colocada do lado dos afetos que ligam gerações: os filhos reproduzem o ato dos pais, com a cumplicidade deles. O forte investimento da EDP/REN nesta imagem é consonante com o que deve ser lembrado na comemoração dos seus 40 anos.³

Da consulta deste site constata-se a progressiva adequação do discurso veiculado às novas representações da energia, aliando o futuro ao passado, pela aposta nas energias ditas limpas.

Uma lâmpada brilha à janela, uma criança emite sinais de luz para uma outra que está na rua, atenta a esses sinais.

“Além da luz distante da cabana do eremita, símbolo do homem em vigília, um levantamento considerável de documentos literários relativos à poesia da casa poderia ser explorado sob o signo da lâmpada que brilha à janela. Seria preciso colocar essa imagem sob a dependência de um dos maiores teoremas da imaginação do mundo da luz: “Tudo o que brilha vê” (...) A lâmpada à janela é o olho da casa. A lâmpada, no reino da imaginação, não se acende do lado de fora. É luz encerrada que não pode senão filtrar do lado de fora.” (Bachelard, 1961: 60)

A universalidade desta imagem e o seu uso recorrente coloca-nos um duplo alerta: o de Kant, e o de Bachelard. Lembrando Kant, tomaremos cuidado com o embalo egoísta da imagem poética. Com Bachelard, procederemos à eliminação dos elementos de senso comum que ela carrega.

É ainda de referir, nesta mesma página, um outro vídeo, *Memória de Picote*, onde são entrevistados dois dos nossos *barragistas*, Justiciano e Lázaro, que vão contando como era o bairro e o que pensam da construção daquelas barragens.⁴

Nesse discurso elogia-se a criação de postos de trabalho, o facto de a barragem ter matado a fome a muita gente, as melhores condições de vida que proporcionou.

As imagens são lembrança e lenda, recorda-nos Bachelard, alertando-nos para o movimento que uma bela imagem sempre encerra, incapaz de se deixar esgotar na literatura, na análise científica, na publicidade.

Justiniano e Lázaro fazem parte da comunidade *barragista* que se reúne a propósito do lançamento de um livro, ou de um encontro. Vivem no Barrocal, onde são muitas vezes requisitados: para filmes, teses de doutoramento, documentários. O seu discurso será contextualizado de diferentes formas.

A memória social é construída. Paul Connerton, em *Como as sociedades recordam* (1993), investigou o modo de transmissão e conservação da memória

³ Em linha: <https://www.youtube.com/watch?v=ggFtq9Gnedc&index=2&list=RDYrb5GnD2Pbc>

⁴ Em linha: http://www.a-nossa-energia.edp.pt/arquivo_conteudos/, Memória de Picote.

nos grupos, assumindo a relação entre esta e a memória individual. Analisou momentos históricos em que o despojamento da consciência nacional é realizado através de processos de esquecimento organizados (Connerton, 1993: 17). As imagens do passado e o conhecimento dele recolhido, assim como a sua forma de transmissão e conservação são processos que dependem dos grupos – estes, por sua vez, procedem a uma cartografia da memória. Em *How Modernity Forgets* (2010) procedeu ao questionamento dos processos do esquecimento moderno: a memória tornou-se indústria cultural.

Existem inúmeras práticas materiais implicadas nos processos de esquecimento cultural. Podem distinguir-se no calendário do indivíduo diferentes categorias de temporalidade: o tempo do processo laboral, do consumo, da carreira, da produção de informação e dos *media*: cada temporalidade particular reforça as outras e é o seu efeito combinado que gera uma forma sistemática de esquecimento cultural. Nenhuma destas temporalidades pode ser entendida sem compreender as dimensões espaciais que são o seu ingrediente intrínseco (Connerton, 2010: 40).

A patrimonialização do bairro, das barragens e das pessoas nelas envolvidas pretende chamar a si esse património em discursividades diferentes. No caso da EDP/REN, os barragistas são chamados a testemunhar os sinais de progresso que esta empresa protagoniza: o investimento insere-se numa moldura de energia sustentável e de preocupação ecológica.

No caso dos *barragistas*, a memorialística acentua sobretudo o espírito heroico dos trabalhadores, que se sacrificaram na obra. A morte, a doença, o alcoolismo, são elementos que não se devem esquecer. Por isso escrevem livros, que não são subsidiados pela empresa: em regra são edições de autor.

A EDP financiou intervenções estéticas nestas barragens. Pedro Cabrita Reis pintou a barragem de Bemposta de amarelo: o amarelo das máquinas de construção. Afirmou tratar-se duma homenagem aos trabalhadores que a edificaram.

No capítulo dedicado às topografias do esquecimento Connerton (2010: 111) pergunta qual o efeito que os espaços produzidos na cultura contemporânea têm na transmissão da memória cultural. É o de amnésia cultural, que tem três características essenciais: a escala da fixação humana, a produção da velocidade e a repetida destruição intencional do ambiente construído. A produção de velocidade assinala um novo modo de perceção, panorâmica, que apaga gradualmente a distinção entre habitar e viajar.

Voltamos às questões sobre o espaço habitado e a casa para verificar que os objetos e os seus usos não são inocentes, mas que se situam em práticas de construção política da paisagem. Os atores envolvidos agem de modo performativo, em contexto, determinando e sendo determinados pelos conflitos e lutas pela

memória. Quem diz a verdade sobre a obra, o que viaja (o artista plástico) ou o que habita (os habitantes do Barrocal)? E quem habita os mesmos espaços com outros usos (as casas do bairro definitivo do Barrocal) o que pretende lembrar?

Indiferentes a esses usos e às agencialidades dos atores, as fragas inspiram novas representações, suscitam novos discursos. O silêncio e a hesitação *barragistas* são por isso muitas vezes o que os liga ao lugar de pertença – o abrigo, a concha, a caserna.

A análise destes processos evidencia a importância que têm os livros de memórias e as narrativas do passado. A escrita faz permanecer a importância do *locus* identitário e a oralidade acrescenta significados novos, transporta o passado para um presente em que os atores se incluem nas novas paisagens técnicas do rio Douro.

o referir-se a Cícero, em que a arte da memória é uma arte dos *loci*, Connerton acrescenta que ela foi sempre associada a uma performance cognitiva, defendendo que existe um enorme investimento libidinal e afetivo na topografia da memória (Connerton, 2011: 86):

“A arte da memória repousa de modo mais fundamental, não num sistema estável de lugares, mas de um sistema estável de lugares no corpo (Connerton, 2011: 101).”

Na análise da projeção corporal como projeção empática, mimética e cósmica, Connerton analisou os diferentes tipos de memória afetiva aplicada ao *habitat*, dando ênfase à importância que ela tem para a memória cultural enquanto investimento afetivo nos espaços vitais.

Uma perspectiva fenomenológica ligada à poética (Brady, 2005) dá primazia ao lugar, porque é onde o estar-no-terreno acontece (Brady, 2005: 985). Por isso o lugar não se pode separar dos seus conteúdos, dos significados atribuídos à sua localização e às atividades associadas. Damos sentido às experiências imaginativas e materiais elaborando projeções do terreno com um eu culturalmente e corporalmente situado, um *continuum sensorial-intelectual* (Brady, 2005: 983).

LINHAS DE INTERPRETAÇÃO DAS REDES SOCIAIS E DO SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA.

Em 2011, Daniel Miller inverteu a pergunta tradicional “O que é o Facebook?” e recolocou-a numa perspetiva antropológica: “Como é que as pessoas que estudamos usam o Facebook, o que fizeram dele?”

A investigação antropológica das redes implica também a investigação das relações sociais aí presentes. Em *Tales from Facebook* (2011), estudou a ilha de Trindade, nas Caraíbas, com a preocupação de analisar os usos locais, compreendendo que usos ingleses e trindadinos são muito diferentes. A escolha dos *media* tornou-se uma parte da interação social em si mesma.

As redes sociais são parte do dia-a-dia: não existe “O” Facebook, “o” Twitter, mas sim os usos que deles fazemos. As redes sociais não devem ser vistas como plataformas em que as pessoas colocam *posts*, mas como conteúdos que são postados nestas plataformas, visto que são eles que transformam as relações locais e os assuntos.

Os usos das redes sociais apresentam conteúdos passíveis de análise etnográfica. Em *Why we Post* Miller (2015) criou um grupo de pesquisa de nove antropólogos com diferentes origens que fizeram durante 15 meses recolha etnográfica. O projeto foi lançado em 2015 com o objetivo de investigar os usos e consequências das redes sociais. Os locais de pesquisa foram: China (industrial e rural), sudeste da Turquia, Chile, Inglaterra, Nordeste do Brasil, sul da Índia, Itália.

As conclusões podem ser consultadas em <https://www.ucl.ac.uk/why-we-post>. Na Turquia, as redes sociais contribuíram para a construção de grupos sociais tradicionais, incluindo a família e a tribo, por vezes separada por migração e ao mesmo tempo permite que jovens desenvolvam relacionamentos pessoais por mensagens privadas. Os mineiros do Norte do Chile, longe de casa, usam as redes para se manter conectados às famílias e às comunidades.

Ao estudar as crianças de uma aldeia inglesa, Miller identificou diferentes usos das plataformas: por exemplo, crianças que vivem longe e querem dizer aos seus pais de forma simpática algo que não lhes agrada, como por exemplo uma nova tatuagem, ou necessidade de mais dinheiro, podem por essa razão evitar um meio que inclua o contacto visual, ou que permita à pessoa responder imediatamente – eventualmente com fúria. Nas regiões industriais da China, trabalhadores migrantes perderam as formas tradicionais de sociabilidade e adaptam-se à itinerância de cidade em cidade, estando assim mais presentes *on line* do que *off line*. No sudeste da Turquia, homens e mulheres jovens conversam uns com os outros com menos entraves.

Esta pesquisa em curso, levou Miller a elaborar o conceito de *polimedia*, para sublinhar que as plataformas não funcionam isoladamente, mas numa relação estabelecida entre umas e outras.

As redes tem motivado pesquisas antropológicas direcionadas de modo diferente. Gustavo Lins Ribeiro, que estudou a construção de Brasília e a barragem de Yacyretá (Ribeiro, 1990, 1990a) interessa-se atualmente pela hegemonia do

capitalismo eletrônico informático. Numa conferência realizada no México, em maio de 2016, intitulada “Movimientos, actores y representaciones da la globalización – El precio de la palabra” analisou o sentido hegemônico deste capitalismo.

As inovações tecnológicas são mais do que as máquinas, são modos de estar no mundo: são a base de novas atividades lucrativas, implicam novos modelos administrativos e produtivos e novos discursos. A eles associados, estão também novas formas de produzir hegemonia.⁵

Estas inovações dizem-nos que estamos na era digital, na sociedade da informação, com nichos monopolistas, marcas registradas e direitos de autor. Para Ribeiro trata-se da reprodução de um novo *Zeitgeist*, com centralidade na produção, geradora de novas ideologias e utopias e interpretações do passado e do futuro, bem como nas infraestruturas materiais (cabos, antenas, etc.). Em 2015, tinham-se vendido 6.1 bilhões de smartphones calculando-se uma venda de 9.2 bilhões em 2020.

O capitalismo eletrônico informático faz emergir novas forças: o poder é dominado por esta estrutura. Nos últimos 200 anos as máquinas dominaram todos os aspetos da existência. A eletricidade transformou-se na principal energia para a indústria, criando novas formas de produção e acumulação.

O computador tornou-se essencial: a sua Meca é Silicon Valley, na Califórnia, centro mundial da microeletrônica – é o modelo de referência, e o primeiro no trabalho precário e na insegurança, afirma. Associado a Bill Gates e a Steve Jobs, continua a atrair jovens talentosos como Zuckerberg, dentro da mística americana em que os magnatas e gênios fundaram impérios extraordinários.

Nesta conferência Ribeiro salienta ainda alguns dados da arqueologia deste capitalismo eletrônico informático. Em 1998, aparece o Google. A sua autodefinição é a de organizar a informação do mundo e torná-la universalmente acessível e útil. Em 2004, surge o Gmail, em 2005, o Google Earth, em 2008, o Chrome: grátis, bom para todos os utilizadores. Ribeiro chama a atenção para a ordem que aparece no motor de busca, estruturada economicamente, e com preços diferentes das palavras-chave, criando assim uma economia dos acessos em que as palavras se transformam em mercadoria. Os maiores ativos destas corporações, são os utilizadores/ consumidores. O Google regula a economia, os *cookies* rastreiam o indivíduo: estamos todos ligados à *Like Economy*. O *like* passou a ser a moeda informacional social – todos participamos nesta economia. A personalização é a nova forma de educação do consumidor. Os oligopólios digitais usam o trabalho gratuito do usuário. A extração dos dados depende do trabalho dos engenheiros

⁵ Em linha: <https://www.youtube.com/watch?v=95M8yJx8IF0> (9'10'') página pela última vez consultada em 22-10-2016.

e dos matemáticos – os algoritmos são o principal instrumento da biopolítica. O Google explora a sabedoria da multidão, e procede a uma apropriação grátis do conhecimento social.



Imagem 2: *GooglePlex, Conferência Gustavo Lins Ribeiro. Em linha: <https://www.youtube.com/watch?v=95M8yJx8IF0>*

O GooglePlex, na Califórnia, tem comida orgânica, desporto, plantas podadas como dinossauros: é um paraíso.

As contratações de jovens talentosos fazem-se por entrevista, que funciona como uma espécie de oráculo. Os entrevistadores podem colocar questões absurdas, que supostamente identificarão génios: as palavras criatividade e inovação são palavras chave. Todos querem trabalhar neste Olimpo, afirma (63'37").

No debate que se segue à conferência colocam-se várias questões, destaco duas: uma sobre o uso das redes e a sua mobilidade (os filhos já não usam o Facebook) e outra sobre os processos das formações não hegemónicas, em relação às hegemónicas referidas por Ribeiro.

O debate sobre o impacto das redes sociais na vida dos indivíduos não está encerrado. Este trabalho procurou identificar mecanismos de construção da memória *barragista* nas redes sociais e fora delas, prestando atenção às representações da casa e da energia, que são conceitos estruturantes das suas narrativas.

Se um objeto é dinâmico, apurar o modo como a imaginação poética o constrói e o coloca em relação significa também refletir sobre os processos e métodos de abordagem antropológica, em tempos e ritmos gerados em redes virtuais.



Imagem 3: Fraga vista da janela do gabinete do padre Telmo, fotografia da autora (2014).

“La memoria y el tiempo, mientras lo recordaba, se habían destruido mutuamente – como cuando dos ríos se unen –, convirtiendo mis recuerdos en fantasmas (...)”
Julio Llamazares, *El río del olvido*, p. 14.

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, J.C. (2000). *A imaginação material*, Lisboa: Universitária Editora.
- Bachelard, G. (1961). *La Poétique de l'espace*, Paris: PUF.
- Bachelard, G. (1992). *La Psychanalyse du feu*, Paris: Gallimard.

- Boellstorff, T. Nardi, B., Pearce, C., Taylor, T. L.: (2012). *Ethnography and virtual worlds. A Handbook of Method*, Oxford, Princeton University Press.
- Brady, I. (2005). “Poetics for a Planet: Discourse on some problems of being-in-place” in Denzin, N. K. & Lincoln Y. S., *The Sage Handbook of Qualitative Research*, California: Sage.
- Cannatá, M. & Fernandes, F. (1997). *Moderno Escondido – Arquitetura das Centrais Hidroeléctricas do Douro*, Porto: FAUP.
- Connerton, Paul (1993). *Como as sociedades recordam*, Oeiras: Celta.
- Connerton, Paul (2010). *How Modernity forgets*, New York: Cambridge.
- Connerton, Paul (2011). *The spirit of Mourning*, New York: Cambridge.
- Dias, J. N. Ferreira (1990 [1945]). *Linha de Rumo*, Lisboa, Banco de Portugal.
- Ferraz, T. (1960). *O Lodo e as estrelas*, Porto: ed. autor.
- Goody, Jack. (1987). *The interface between the Written and the Oral*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Kant, Immanuel (2014). *Antropologia en sentido pragmático*, Mexico: FCE.
- Kant, Immanuel, (1998). *Crítica da Faculdade do Juízo*, Lisboa: INCM.
- Markham, A. (2005). “The method, politics and ethics of representation in online ethnography” in Denzin, N. K. & Lincoln Y. S., *The Sage Handbook of Qualitative Research*, California: Sage.
- Miller, D. (2011). *Tales from Facebook*. Cambridge: Polity.
- Nye, D. E. (1994). *American Technological Sublime*, Cambridge: MIT.
- Pequito, L. (2015). *Hidroeletricidade e identidade social. A técnica como memória barragista (Picote, Trás-os-Montes)*. Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, tese de doutoramento) Em linha: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/9942>
- Pinto, H. (2012). *Barragistas e emoções*, ed. Autor.
- Ribeiro, G. L. (1997). *A condição da transnacionalidade – Brasília 1997*, série Antropologia, Brasília.
- Ribeiro, G. L. (1997a). *Transnational Capitalism and Hydropolitics in Argentina: the Yacyretá Hydroelectric Dam*, Florida: Univ. Press
- Rollo, M. F., (2008). “De Picote a Carrapatelo, ou como o Plano Marshall alterou a hierarquia do aproveitamento hidroeléctrico do Douro”, *Ingenium*, nº 103., (Janeiro/Fevereiro)

Webgrafia:

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/critica.html#40> Kant, Crítica da Razão Pura, e-book, página pela última vez consultada em 22-10-2016.

<https://www.youtube.com/watch?v=ggFtq9Gnedc&index=2&list=RDYrb5GnD2Pbc> EDP 40 anos, página pela última vez consultada em 22-10-2016.

http://www.a-nossa-energia.edp.pt/arquivo_conteudos/, Memória de Picote, página pela última vez consultada em 22-10-2016.

<https://www.ucl.ac.uk/why-we-post>. Daniel Miller, página pela última vez consultada em 22-10-2016.

<https://www.youtube.com/watch?v=95M8yJx8IF0> conferência Gustavo Lins Ribeiro, página pela última vez consultada em 22-10-2016.